

Ana Cristina Silva

O Rei do Monte Brasil

OFICINA
DO LIVRO

Gungunhana, o rei do Monte Brasil

Ninguém me contou. Li no jornal que te mataste, Mouzinho. Tornaste-te um ser maligno que da terra dos mortos assombra a vontade dos homens. Fazes parte dos *valoyi*¹, que só sabem martirizar – espíritos que atijam o desespero, atormentam os seres humanos e neles despertam instintos brutais. Desde o dia 2 de Janeiro de 1902 que deixaste o mundo dos vivos. Onde quer que te encontres, és agora uma alma sem corpo, lançando mau-olhado, pragas e maldições. Encarnas o ódio sobrenatural em que o teu espírito insaciável compete com outros fantasmas mesquinhos e vorazes. Tal como em vida, és uma corrente maldita que se aproxima com rapidez do coração das trevas para conduzir mais homens em direcção à morte. Ocupas decerto um lugar cimeiro entre os demónios!

Como um fogo revoltado que se apagou, vencido pelas sombras maiores do universo, tomaste, pelos vistos, a decisão de morrer. As palavras que poderia dizer sobre isso fazem parte de um estado de perplexidade. Vejo-te ao comando de tropas, pronto para pegares em armas, preparando-te para uma festa de matança. As tuas ordens quase sempre provocavam um movimento de terror na massa

¹ Espírito maligno.

dos meus guerreiros – e muitos fugiam para não ter de te enfrentar em combate. Sim, tenho dificuldades em rejeitar essa tua imagem; e, por isso, mal posso conceber que o homem que conheci, ativo e sequioso de fama e poder, tenha, afinal, disparado um tiro contra si próprio. Em boa verdade, não compreendo a tua decisão.

Imagino, ainda assim, que, no momento em que soou o disparo, ou nos segundos imediatamente antes, aqueles que mataste ressuscitaram todos ao mesmo tempo para lutarem pela posse da tua alma, como ondas que se abrem para, a seguir, engolir o monstro. Sim, nesse segundo soubeste que, tal como nunca tiveste compaixão por ninguém em África, também não havia um único espírito do outro mundo que tivesse piedade de ti. Já não pudeste ver a multidão, cada vez mais numerosa, que rodeou a tua carruagem, atraída pelo ruído insólito de uma arma a disparar. Naturalmente, não assististe também às homenagens que os homens mais ilustres do reino te vieram prestar no funeral, comentando com estupefacção o teu acto insano. Um militar tão sério, que lhe teria passado pela cabeça? Como é que um homem que investiu grande parte da sua vida a tentar reconstruir a grandeza de um império acaba a dar um tiro na cabeça? As perguntas deviam ser, sem dúvida, deste género, mas ninguém sabe com toda a certeza o que acontece dentro de uma pessoa. No espectáculo da morte, procuravam ainda um enredo credível ou uma explicação lógica.

Nesse último instante, será que reviste a vida com todos os seus pormenores, os seus desejos, tentações e renúncias? Não faço ideia; em todo o caso, terias certamente gostado de ver D. Carlos muito sério ao lado da

tua urna e a sua rainha debulhada em lágrimas. A tua enorme vaidade teria apreciado, de igual modo, as aclamações do povo ao herói de África que prendera Gungunhana. Terias feito um discurso, tu que vibravas de eloquência quando querias parecer sublime. Do homem atormentado por desilusões e ofensas que também foste, já só resta, porém, o espírito malvado. A partir de agora, para ti será assim: habitas no crepúsculo; os dias, as noites e as estações foram abolidos, existindo apenas um espaço negro, sem esperança. Por detrás do teu rosto já não existe ninguém.

Não me vanglorio apenas porque estou vivo. Aliás, não duvido de que algo de semelhante possa suceder comigo quando chegar a minha hora. Também da minha vida sobressaem acções horrendas, piores ainda se fizer a transposição dos meus actos para a moral dos cristãos. Não sei, contudo, se posso acreditar na virtude dos brancos, uma vez que a evocaram demasiadas vezes para levar a cabo acções que serviam apenas os seus interesses.

Ainda assim, posso afirmar que nunca cedi à paixão enquanto desempenhei o papel de régulo. Só depois do anúncio da derrota e de ter sido espoliado do meu território, passei a ver as coisas sob um ângulo diferente. Mas os meus pensamentos estão ainda envenenados por memórias de violência que resistiram ao tempo. Sozinho, nesta floresta do Monte Brasil, fui forçado a analisar o que me ia na alma nessa época. Às vezes sinto que cheiro mal, e não é o meu corpo. Este fedor nada tem que ver com os medos em que mergulhei desde que sou prisioneiro: é o cheiro da volúpia assassina que me tirou o juízo durante o meu reinado. Há muitos espíritos

do outro mundo que não podem morrer definitivamente por terem sido assassinados por mim ou por minha ordem; os seus fantasmas sobrevivem e devotam as suas forças ocultas a enlouquecer-me. Dizem os padres católicos que, com o baptismo, os meus pecados se anularam. Porém, as suas sentenças são pouco fiáveis, como, de resto, as de qualquer branco.

Muitas vezes, a vida consiste em escolher entre dois medos. Confesso que desde que em criança vi a minha mãe morrer de um dia para o outro, vivi no pavor da morte, pelo que o mais fácil, para combater esse temor, foi sempre reduzir as tribos que não pertencessem ao meu povo a um único corpo oferecido à minha azagaia. Se o receio ao seu soberano, Gungunhana, fosse a lei vigente entre Tsongas, Chopes e Bitongas, não corria o risco de ter de lidar com revoltas. Acreditava no poder de aterrorizar, e essa crença condizia com o tipo de justiça que passei a exercer. O governo de um povo é sempre o produto da força do seu rei. Aprendi esta dura lição com o meu pai. Compreendi muitas outras coisas sobre a traição e a política sozinho.

No momento em que fui consagrado como régulo, assimilei confusamente no meu espírito a ideia de que, tendo sido inferior em tantas coisas quando comparado com os meus irmãos mais velhos, passava a ter nas minhas mãos o arbítrio da vida ou da morte sobre todos os homens que me rodeavam. As minhas decisões passaram, assim, a afectar todos os povos daquela parte do mundo. Esta convicção alastrou no meu cérebro como uma necessidade e reflectia, evidentemente, a minha ambição de poder. Mas, durante quase duas décadas, a verdade é que ninguém me pôs em causa.

Hoje, anseio pela solidão da floresta como se, entre as folhas das árvores que parecem flutuar ao sabor do vento, revisse as sombras do passado ou, porventura, estivesse ainda nas minhas mãos uma forma de o regenerar. Parte de mim desfez-se, as minhas entranhas choram lágrimas viscosas. Quando era régulo, mesmo que perturbado por agitações interiores, sempre soube fingir, parecendo o ser mais sereno deste mundo, ou então o mais feroz, a quem nada importava verdadeiramente e que, por consequência, exercia o seu poder sem que ninguém se atrevesse a pôr em causa a minha autoridade. Contava, aliás, para ampliar esse efeito, com o terror dos meus súbditos – o massacre das tribos vizinhas era, no fundo, uma marca da superioridade da minha própria tribo, os Vátuas, como os brancos nos chamavam. Matava e mandava matar, não o nego, e não sentia por isso a mínima culpa. Os meus guerreiros violavam mulheres e capturavam escravos. Quando atacavam, um medo louco dispersava pelo mato homens, mulheres e crianças que nunca mais voltariam às suas aldeias, a floresta enchia-se com uma agitada maré de gente trémula. A maior parte morria jurando lealdade ao seu régulo. Porém, eu nunca cedia nas minhas sentenças. E, no entanto, hoje o remorso devora-me, tornando horrendos aos meus olhos os crimes de outrora. Os gritos enlouquecidos de alguns desses mortos enchem-me o peito de inquietação, o que tornará a minha partida deste mundo não muito diferente da tua, Mouzinho. O sofrimento será enorme e a embriaguez magoada dos espíritos far-me-á vibrar pela eternidade.

Quando chegou o momento da derrota, não me rendi, mesmo sabendo da vitória dos portugueses em Coolela.

Tão-pouco depois de terem conquistado e incendiado a minha capital, Manjacaze. Fiz – isso sim – um acordo político que me permitiria conferenciar com os governantes portugueses, quiçá com o próprio rei de Portugal. Eu e D. Carlos, ambos soberanos de sangue real – porque o poder vem do sangue e estabelece-se através do sangue –, saberíamos entender-nos sem a falsidade dos embaixadores ou as deturpações dos intérpretes. As personagens reais, como nós, interpretam o seu papel sem se enganarem uma única vez. E, mesmo antes de moverem os lábios, sabem pronunciar frases sublimes de compreensão mútua. Na altura, pelo menos, acreditava que seria assim.

Tinha consciência de que talvez fosse necessário viajar até Portugal, mas estava preparado para isso. Ainda que tivesse de enfrentar as enormes vagas negras do mar, seguir de navio e enfrentar uma imensidão de correntes perigosas, contrariando assim as interdições que impedem um chefe Vátua de se aventurar em águas revoltas, faria o necessário para que não se extinguisse esta raça de guerreiros que sempre soubera comandar. O que importava era ganhar tempo, opor-me à política de conquista dos portugueses, se possível reparar os equívocos, nem que, para isso, tivesse de jurar de novo vassalagem ao rei português no seu próprio território.

Havia, evidentemente, que salvaguardar a minha vida e a dos meus familiares e, para esse efeito, confiei na palavra do comandante da canhoneira *Capelo*, Soares de Andrea. Nunca quis negociar directamente contigo, Mouzinho. Ouvira dizer, pelos meus espiões, que eras altivo e perigoso e que a tua palavra não valia nada quando pronunciada perante um negro. Apoiavas a ideia

de que nós não éramos humanos e caías num estado de pura exaltação quando defendias essa tese. Não estava, por isso, disposto a morrer às tuas mãos. A minha captura em Chaimite foi, de resto, uma farsa que tu bem soubeste aproveitar para enaltecer o teu prestígio. Fingi render-me, porque antes já havia sido combinado que me encontraria com o comandante Andrea para quiçá vir a conferenciar com el-rei D. Carlos. Havia guerreiros armados com canos de fogo à minha volta quando entraste em Chaimite. Recordas-te, Mouzinho? Não dei ordem para atirar. Podias ter morrido às minhas mãos. Omitiste essa possibilidade no teu relatório? Ou usaste o facto para engrandecer a tua coragem? Soberbo e mentiroso, quando constataste que a minha atitude não era belicosa, forçaste a situação até ao limite para me humilhares. A tua arrogância era imparável e sempre serviu as tuas ambições grosseiras. Ataste-me as mãos atrás das costas e ordenaste que me sentasse no chão. Foi forçoso submeter-me às tuas ordens. Porém, o local que me indicaste estava sujo e queixei-me. Empurraste-me, deste-me dois pontapés. Sempre me inspiraras pouca confiança, mas nesses minutos o ódio surgiu de repente, na forma de um calafrio que me deixou desorientado. Não tive tempo de examinar com minúcia que consequências teria a minha rendição, mas soube de imediato que cometera o mais imbecil dos erros.

A humilhação durou muito menos do que a angústia de te ver matar dois dos meus tios. Primeiro, acusaste Manhune de ser inimigo de Portugal. Ele deixou-se conduzir num passo firme, foi amarrado a uma estaca da paliçada, majestoso na sua altivez, e disse apenas, sorrindo, que era melhor desamarrem-no para que pudesse cair

quando recebesse os tiros. A dignidade na figura de um condenado! Depois, foi a vez do meu tio Quêto. Confortado pelas suas convicções inalienáveis, antes de receber no peito a carga de fuzilaria, gritou em voz muito alta que tinha matado dezenas de brancos na batalha de Coolela. A seguir, o corpo desmoronou-se e um vigoroso jorro de sangue manchou o chão. Quando lhe cortaste a cabeça, esta rolou-lhe sobre o peito, e os olhos ainda pestanejavam como que surpresos com a própria morte.

Julgo que teria gritado se tivesse acreditado no que os meus olhos viam. Mas ao princípio não quis crer – de tal forma tudo aquilo me parecia impossível. Senti-me mergulhar no mais abstracto terror, um estado de choque que me alheava das formas concretas do perigo físico. Claro que tudo se passou numa fracção de segundo e logo deslizei para a sensação mais abjecta do temor da morte, sobretudo depois de ouvir entre o meu povo uma súbita explosão de gritos, a passagem para um estado de cólera contra mim que parecia ter estado, até ali, misteriosamente contido. Foi mais rápido do que o bruxulear de uma luz. A gente da minha própria tribo pedia, num formidável coro de vozes ofegantes, que me matasses. Depois começaram a dançar, os homens, batendo no solo duro com os pés descalços, faziam ruídos ameaçadores que eram, porventura, um espelho da sua ira. Não sabia dizer se o som do batuque queria dizer guerra ou prece. O meu nome era pronunciado num tom de acusação, como se tivessem sofrido excessivamente sob o meu domínio.

O ar pressionava o meu rosto com a voragem de uma cilada. Os seus olhares pareciam chicotes. Era insuportável

escutar a dança ruidosa dos meus guerreiros com repetidos *bayetes*², com os quais me punham a ridículo. Mesmo que estivesse cego e surdo, isso não me impediria de ouvir aquelas miseráveis hordas, errando de um lado para o outro, fazendo soar os seus gritos no ponto mais longínquo do horizonte. Tinham aprendido, porventura com a minha forma de governar, a mendigar a própria salvação e, assim, suplicavam-te misericórdia e que nenhum obstáculo te detivesse na minha matança. Só os Homens Grandes do meu conselho – ao qual haviam também pertencido os meus tios – se mantinham de lado, profundamente silenciosos, como se algo de monstruoso tivesse penetrado inesperadamente o espírito do meu povo. A confusão cegava o meu raciocínio ao ponto de eu ter a sensação de que os espíritos dos antepassados já não me protegiam.

Toda a minha força, nesse momento que julguei ser o último, se concentrou no meu rosto crispado. Envelheci anos no instante em que vi morrer os meus tios. Apanhado num pesadelo de sonâmbulo, crente de que seria o próximo, estava disposto a suplicar pela minha vida. Então, reparei em Sonie, a minha mulher principal, e na minha mãe adoptiva, ambas ajoelhadas a teus pés a implorarem por mim e por Godide, o meu filho favorito, que havias capturado na véspera. A minha mulher, que sempre fora uma beldade, parecia desfigurada. Um rugido animal saía-lhe da boca, reunindo numa fiada ininterrupta todas as palavras em português que conhecia. Era de manhã cedo, o Sol ainda estava baixo, mas assanhado, a sua esfera ardente arrancava a lucidez a todos os

² Saudação real.

meus pensamentos. Nos meus olhos ardia um estranho fogo, as pupilas ferviam, sentia-me percorrido por tremores. A luz do dia perfurava-me como um punhal e deixei de ser um valente guerreiro para me transformar, de um momento para o outro, num farrapo humano.

Era, afinal, teu prisioneiro, e essa proeza obtida quase sem riscos e sem o brilhantismo de um feito de armas veio a proporcionar-te em Lisboa um enorme prestígio. Antes de me conduzires até à canhoneira *Capelo*, ordenaste aos soldados que vasculhassem o recinto da povoação à procura de libras inglesas. Dei-te marfim e mil libras, mas recusei-me a indicar-te onde estava enterrado o meu tesouro. Sem dúvida por represália, obrigaste-me a escolher apenas sete das minhas mulheres para me acompanharem, deixando todas as outras para trás. No entanto, no meio da confusão, Sonie escapulira-se. Uma nova e dolorosa ferida de traição abriu-se no meu peito com a sua fuga, talvez pior do que a insídia do meu povo: a minha mulher principal recusara-se a acompanhar-me. A falsidade exhibia-se para mim em todas as configurações possíveis, era como uma marca feita com um ferro em brasa na minha carne por um carrasco de rosto velado. Tremia. A agitação dos músculos devia-se ao facto de me ver, de repente, reduzido a um homem sem grandeza. Escolhi ao acaso sete favoritas. As outras rainhas ficaram em Chaimite a lamuriar-se. Acenei-lhes à despedida. À medida que nos afastávamos, os seus corpos transformaram-se numa mancha trémula, só os seus lamentos faziam ainda eco na floresta.

Guardado de perto pelos militares brancos e pelos auxiliares angolanos, deixara de ser rei. Passara a ser um

mero prisioneiro, e tudo o que tinha transportava-o no corpo. Esforçava-me por manter a cabeça erguida, possuía polainas de latão até aos joelhos, pulseiras de cobre, inúmeras contas de vidro e diversos amuletos, pedras de feitiço que estremeciam a cada passo, mas nada me protegera do infortúnio. Por ti, Mouzinho, podia até ser fuzilado, poupava-se espaço no mundo. Mas as ordens de Lourenço Marques proibiam-te de usares armas contra mim.

Iríamos de barco até à capital dos portugueses em Moçambique, percorrendo um rio que, para os Vátuas, representava um caudal de morte, com margens apodrecidas de lodo, águas engrossadas a lama, correntes que acabariam por voltar-se contra nós. Aquele rio era como uma porta subterrânea por onde os espíritos malignos se soltariam. Viajar na canhoneira era seguir numa expedição movida por almas de outro mundo. Na nossa cultura, era odioso para a mente e arriscado para o corpo usar uma embarcação como meio de transporte. Mas que escolha tinha?

Além disso, ainda teríamos de chegar ao local onde estava a canhoneira. Tu seguias a cavalo, à frente da comitiva. Durante horas senti-me perdido, mais ou menos como um boi desamparado perante o cutelo do sacrifício. Estava ofegante. Era obrigado a andar mais depressa do que permitiam as pernas, o que tornava a caminhada um penoso bamboleio. O esforço da jornada revelou-se pior do que imaginara. Os militares não conheciam as melhores picadas: a floresta era densa, e a própria natureza parecia querer afugentar aqueles intrusos que abriam caminho à catanada. Caminhámos o dia